

AVALIAÇÃO DA QUALIDADE DE VIDA AUTORREFERIDA ENTRE FAMILIARES CUIDADORES EM SAÚDE MENTAL

MÔNICA GISELE GARCIA KÖNZGEN¹; CARLOS ALBERTO DOS SANTOS TREICHEL²;
LUCIANE PRADO KANTORSKI³; LAÍNE BERTINETTI ALDRIGUI⁴; ANNA TREPTOW
WEINBERGER⁵; VANDA MARIA DA ROSA JARDIM⁶

¹ Universidade Federal de Pelotas – monicakonzgen21@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – carlos-treichel@hotmail.com

³ Universidade Federal de Pelotas – kantorski@uol.com.br

⁴ Universidade Federal de Pelotas – laineba.bertinettialdrigui90@gmail.com

⁵ Universidade Federal de Pelotas – annawein@gmail.com

⁶ Universidade Federal de Pelotas – vandamrjardim@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

As mudanças em relação a transformação do modelo de assistência em saúde mental avançaram muito no Brasil desde os anos 70, quando aflorou-se as críticas em relação aos longos períodos de estadia dos indivíduos que apresentavam transtorno mental em hospitais e ao tratamento prestados a esses sujeitos. Como consequência, teve-se uma série de reformulações no modelo de cuidado em saúde mental resultando-se em melhores condições na assistência e nas práticas de cuidado (KANTORSKI; JARDIM; DELPINO; et. al, 2012).

Entre as mudanças advindas de um novo modo de cuidar, está o olhar que é dado a família do sujeito em sofrimento psíquico. Considera-se que a família deve ser incluída no processo terapêutico, pois pode ser definida como parceira essencial para a reinserção da pessoa em sofrimento psíquico na sociedade (KANTORSKI; JARDIM; DELPINO; et.al, 2012).

No entanto, dentro desse processo, os familiares que assumem o papel de cuidadores passam por uma série de adaptações e reorganização em torno das necessidades que o indivíduo cuidado apresenta. Ressalta-se que acontecem mudanças significativas em todo o ambiente, bem como nas atividades cotidianas, lazer e nos relacionamentos com outras pessoas, o que pode afetar diversas áreas da vida desses cuidadores (SCHEIN E BOECKE, 2012).

Nesse contexto, estudos anteriores têm apontado para a necessidade de atentar para as repercussões do cuidado também na vida dos cuidadores. Investimentos importantes têm acontecido em especial quanto à qualidade de vida desses sujeitos. Acredita-se que investigações como essas podem ajudar os serviços a programar ações de apoio e suporte que visem minimizar possíveis repercussões negativas nesses cuidadores familiares (TEIXEIRA, 2005; TABELÃO, TOMASI, QUEVEDO, 2014).

Partindo desta perspectiva e da importância dessa situação no cenário atual, o objetivo deste trabalho é identificar a avaliação autorreferida da qualidade de vida de familiares cuidadores de usuários dos Centros de Atenção Psicossocial.

2. METODOLOGIA

Trata-se de um estudo quantitativo transversal realizado com 413 familiares de indivíduos em sofrimento psíquico entrevistados entre fevereiro e junho de 2016 em serviços comunitários de saúde mental de 9 municípios da 21ª Região de Saúde do estado do Rio Grande do Sul.

Esse estudo é recorte da pesquisa “Transtornos Psiquiátricos Menores e seus fatores associados em familiares cuidadores de usuários de Centros de Atenção Psicossocial”, que obteve aprovação do Comitê de Ética da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas – UFPel sob parecer nº 1.381.759. Todos os entrevistados consentiram em participar do estudo e assinaram o Consentimento Livre e Esclarecido.

A seleção dos participantes ocorreu de forma aleatória e respeitou a proporcionalidade de indivíduos assistidos em cada serviço incluído na amostra.

A identificação da avaliação da qualidade de vida se deu de forma autorreferida por meio de pergunta disposta no questionário a qual os participantes foram submetidos. O enunciado utilizado foi “De modo geral, que nota você dá para sua qualidade de vida nos últimos 30 dias?”. As respostas possíveis correspondiam a uma escala do tipo likert de 10 pontos que foi reagrupada para realização deste trabalho da seguinte forma: 1-2=Muito insatisfeito; 3-4= Insatisfeito; 5-6= Nem satisfeito nem insatisfeito; 7-8=Satisfeito; 9-10= Muito satisfeito.

A construção do banco se deu no software Microsoft Office Excel 2007 e a análise foi conduzida no software Stata 11. Para cálculo dos escores para classificação da qualidade de vida autorreferida foi utilizada estatística descritiva.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Entre os 413 cuidadores familiares que participaram deste estudo 62,23% eram do sexo feminino. A idade média dos participantes foi de 51,54 anos com desvio padrão de 15,46 e os vínculos mais prevalentes em relação ao usuário foram respectivamente: mãe (25,18%), cônjuge (24,21%) e irmã/irmão (14,29%). Quanto a escolaridade, a maior parte da amostra (36,08%) possuía grau primário de instrução, seguidos daqueles com ensino fundamental (34,38%) ensino médio (23,49%) e sem escolaridade (6,05%) respectivamente. A renda per capita média dos participantes foi de R\$: 667,46 (DP= 604,75).

Os resultados obtidos através do estudo quanto à avaliação da qualidade de vida que os familiares cuidadores em saúde mental que participaram do estudo apresentado estão dispostos na tabela 1. Por meio de sua análise é possível perceber que a maior parte dos familiares (38,74%) mostrou-se satisfeito com sua qualidade de vida. É positivo indicar ainda que 29,06% dos familiares acessados mostraram-se muito satisfeitos com sua qualidade de vida, no entanto, há de se levar em conta uma parcela superior a 30% dos familiares que mostrou-se parcialmente satisfeitos ou insatisfeitos com sua qualidade de vida.

Tabela 1: Qualidade autorreferida pelos cuidadores familiares entre usuários de CAPS na 21ª região de saúde do RS.

Escore	Nº	%
Muito insatisfeito	15	3,63
Insatisfeito	21	5,08
Nem satisfeito nem insatisfeito	97	23,49
Satisfeito	160	38,74
Muito satisfeito	120	29,06
TOTAL:	413	100%

Fonte: Transtornos Psiquiátricos Menores e seus fatores associados em familiares cuidadores de usuários de Centros de Atenção Psicossocial, 2016.

Estudos anteriores falando sobre os cuidadores de indivíduos em sofrimento psíquico mencionam que a partir do momento que tornam-se protagonistas fundamentais para auxiliar no cuidado ao indivíduo com sofrimento psíquico, os familiares podem apresentar uma avaliação mais negativa quanto sua qualidade de vida (SANT'ANA; PEREIRA; BORENSTEIN; et. al, 2011). No entanto, pode-se dizer que os resultados expostos na tabela 1, indicam que embora uma parcela dos familiares refira uma avaliação intermediária ou ruim da sua qualidade de vida, a maior parte dos familiares apresentou uma avaliação positiva.

É necessário considerar que a avaliação da qualidade de vida é permeada por uma série de variáveis muito subjetivas e envolve aspectos diversos da vida dos sujeitos. Nesse sentido, cabe ressaltar que o cuidado aos familiares é apenas uma das dimensões da vida das pessoas acessadas pelo estudo.

Contudo, ao considerar o acúmulo científico quanto às repercussões do cuidado na vida de familiares, é necessário investigar uma possível relação da avaliação negativa da qualidade de vida com fatores relacionados ao cuidado (GONSALVES e LUÍS, 2010).

Nesse sentido, sugere-se que considerando as dificuldades que o cuidador pode enfrentar, bem como as possíveis repercussões disso na qualidade de vida deles, o cuidado em saúde mental não deve ser centrado somente na pessoa com sofrimento psíquico, mas também estendido para os cuidadores, devendo-se atentar as condições e necessidades destes (TABELEÃO, TOMASI, QUEVEDO, 2014).

3. CONCLUSÕES

A partir dos resultados deste estudo pode-se perceber que a maior parte dos familiares mostrou-se satisfeito com sua qualidade de vida. No entanto, há de se levar em conta uma parcela superior de familiares que se mostrou parcialmente satisfeita ou insatisfeita com sua qualidade de vida. Ao considerar o acúmulo científico quanto às repercussões do cuidado na vida de familiares, é necessário investigar uma possível relação da avaliação negativa da qualidade de vida com fatores relacionados ao cuidado. Nesse sentido, este estudo sugere a necessidade de pensar em estudos que tenham por objetivo principal observar por que isto ocorre visando medidas para influenciar positivamente essa situação.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GONÇALVES J.R.L., LUIS M.A.V. Atendimento ao Familiar Cuidador em Convívio com o Portador de Transtorno Mental. **Revista enfermagem UERJ**. Rio de Janeiro, v.18, n.2.p.272-7,2009.

KANTORSKI L.P., JARDIM V.M.R., DELPINO G.B., et.al. Perfil dos Familiares Cuidadores de Usuários de Centros de Atenção Psicossocial do Sul do Brasil. **Revista Gaúcha de Enfermagem**. Porto Alegre, v.33, n.1, p.85-9, 2012.

SANT'ANA M.M., PEREIRA V.P., BORENSTEIN M.S. O Significado de Ser Familiar Cuidador do Portador de Transtorno Mental. **Texto Contexto Enfermagem**. Florianópolis, v.20, n. 1, p.50-8,2011.

SCHEIN S., BOECKEL M.G. Análise da sobrecarga familiar no cuidado de um membro com transtorno mental. **Saúde & Transformação Social**. Florianópolis, v.3, n.2, p.32-42, 2012.

TABELEÃO V. P., TOMASI E., QUEVEDO L.A., et.al. Sobrecarga de familiares de pessoas com transtorno psíquico: Níveis e fatores associados. **Revista de Psiquiatria Clínica**. Pelotas, v.41, n.3, p.63-6,2014.

TEIXEIRA M.B. Qualidade de vida de familiares cuidadores do doente esquizofrênico. **Revista Brasileira de Enfermagem**. São Paulo, v.58, n.2, p.171-5,2005.